

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTATUTO DO “HOMEM NOVO”
NO *BRUTUS* DE CÍCERO

Mariana PINI-FERNANDES
Orientador: Marcos Aurelio Pereira

RESUMO: Buscaremos observar brevemente neste artigo as articulações redigidas por Marco Túlio Cícero no trecho final de sua apresentação da história da arte ou técnica oratória no *Brutus*. Está em questão, sobretudo, analisar sua tentativa de se inscrever como um dos pilares (o mais eminente deles) do percurso da cultura romana. Pensar a questão do **homo nouus** é, para nós, fundamental para analisar as estratégias finais do diálogo, uma vez que Cícero converte seu próprio nascimento, isento de “fidalguia”, em vantagem para a autoconstrução de seu *ethos* durante toda trajetória de sua carreira. Sua organização da linha evolutiva, como argumentaremos, se baseia duplamente na noção de *nouitas*: enquanto abordagem inédita da progressão do desenvolvimento da retórica e como afirmação de seu autor no estatuto de homem novo.

Palavras-chave: Estudos Clássicos; Cícero; *Brutus*; *ethos*; **homo nouus**.

INTRODUÇÃO

O *Brutus*, objeto do presente estudo, narra a história da eloquência romana e seu fim, com o término da República; o tom funéreo está presente na obra do começo ao fim. Cícero, homem novo¹, que chegara ao consulado em 63 a.C. após derrotar adversários como Caio Antônio Híbrida e Lúcio Sérgio Catilina – homens de origem nobre e descendentes de famílias tradicionais de ex-cônsules –, dedica os últimos parágrafos de sua obra à sua própria figura histórica.

¹ É nosso objetivo compreender esse conceito mais profundamente ao longo de nosso estudo. Por ora, adiantamos que a expressão latina **homo nouus** dizia respeito àqueles que, não tendo origem “nobre” nem histórico de cônsules na família, chegavam ao consulado. Durante a história da República romana, poucos foram os **homines noui**; antes de Cícero, todavia, o último “homem novo” a se tornar cônsul teria sido Caio Célio Caldo, cerca de trinta anos antes (em 94 a.C.).

É nesse trecho que o Arpinate narra, em primeira pessoa, os feitos que o fizeram não só chegar ao consulado, mas ao posto de maior orador da cultura romana, sempre comparando sua trajetória pública, e também privada, com a das figuras mais importantes e influentes da “nobreza” republicana, especialmente Hortênsio². Em uma passagem importante do diálogo, o Arpinate retoma um trecho de uma carta escrita a ele pelo jovem Bruto e diz:

Contudo, conforto-me com estas consolações que tu, Bruto, me deste na sua agradabilíssima carta: expressavas que era necessário que eu fosse forte, uma vez que eu tinha empreendido feitos que falavam sobre mim, ainda que eu próprio estivesse em silêncio, e que viveriam após a minha morte³.

A importância da eloquência e dos feitos oratórios de Cícero para suas conquistas enquanto “homem novo” havia sido mencionada ainda em outro momento em **Commentariolum petitionis** – manual que teria sido escrito por seu irmão, Quinto, no momento da campanha eleitoral do Arpinate ao consulado. Nesse manual é elucidada uma série de conselhos para que o futuro cônsul obtivesse sucesso nas eleições. Seria, portanto, através do prestígio alcançado como orador que o autor do *Brutus* **compensaria** sua condição de **homo nouus**⁴.

É importante termos em mente ainda o contexto de produção desta obra: o retórico redigiu o **Brutus** provavelmente nos primeiros meses do ano 46 a.C., período em que se dá a vitoriosa campanha de César na África. Esse empreendimento das armas romanas terá fim com a derrota do exército de Pompeu em Tapso e o suicídio de Catão, sogro e grande amigo de Bruto, em Útica. Assim, é no contexto do fim da República romana e de sua tradição oratória (que, segundo o próprio Cícero, desmoronavam com o triunfo de César) que o autor compõe o **Brutus**.

De acordo com a interpretação do Arpinate, a ditadura de César representou um período de expressivo declínio da eloquência e, conseqüentemente, de seu emprego nas atividades do fórum: em razão do fim da antiga constituição e dos decretos ditatoriais, que baniam as discussões livres, houve restrição da liberdade política e numerosos oradores preferiram calar-se em decorrência da guerra civil. O domínio de César significou, portanto, a dissuasão dos debates abertos⁵. A eloquência perde, dessa forma, muito de sua função⁶.

² Quinto Hortênsio Hórtalo (114-50 a.C.), cônsul e posteriormente líder dos *optimates*, foi o orador mais importante de Roma antes da ascensão de Cícero. Expoente do estilo asianista de eloquência, Hortênsio assume a defesa de Caio Licínio Verres, perdendo para Cícero, que se encontrava na posição de acusador (cf. Cícero, *In Verrem*).

³ (...) *tamen ea consolatione sustentor quam tu mihi, Brute, adhibuisti tuis suavissimis litteris, quibus me forti animo esse oportere censebas, quod ea gessissem, quae de me etiam me tacente ipsa loquerentur uiuerentque mortuo; (...)* (**Brutus**, 330).

⁴ Quinto diz: “A condição de “homem novo”, você compensará principalmente com seu prestígio como orador. A eloquência teve, sempre, enorme importância. Não é possível que alguém digno de atuar como advogado de cônsules seja considerado indigno do consulado” (“*Nominis nouitatem dicendi gloria máxime subleuabis. Semper ea res plurimum dignitatis habuit. Non potest qui dignus habetur patronus consularium indignus consulatu putari*”, Quinto Cícero, **Commentariolum petitionis**, I.2).

⁵ Cf. Narducci, 2009, p. 162.

⁶ Cf. *Brutus*, 308.

Cícero, que havia dado suporte a Pompeu, abandona-o e se refugia em Brindisi após a Batalha de Farsália. O *Brutus* foi uma oportunidade para que o Arpinate pudesse enfrentar, nas letras, as adversidades políticas que obstruíam suas ambições republicanas. Esse trabalho oferece um ponto de vista da história que canoniza a figura de Cícero no interior da cultura latina como *telos*⁷, isto é, lugar para onde se destinaria toda a oratória romana. Trata-se de construir um ideal concebido em unidade político-retórica: uma República feita de discussões públicas⁸.

Os oradores descritos na obra representam na visão de Cícero as figuras de maior importância na vida política de Roma desde o período em que se dão as Guerras Púnicas – com Lúcio Júnio Bruto⁹ – até o período da guerra civil¹⁰, que culmina com o próprio Cícero. O autor organizou a ordem dos oradores em congruência com suas *aetates*, que levam o nome de suas figuras mais proeminentes (como Catão, Galba, Carbo, os Gracos etc.). Segundo Narducci¹¹, no período mais recente à obra, o autor parece seguir um método mais preciso, empregando, primeiramente, uma ordem baseada no cargo mais alto do *cursus honorum* – primeiro vinham, portanto, os cônsules e depois os não-cônsules –; em seguida, baseando-se na data de nascimento dos oradores individualmente ou em uma cronologia inferida a partir de suas carreiras como magistrados¹².

UMA GENEALOGIA DO TALENTO

Sabe-se pouco sobre os genitores de Cícero: é possível que seu pai tenha sido um fulão¹³ (isto é, um tipo de artesão têxtil) ou descendente de um príncipe que governou os volscos¹⁴. De acordo com as mesmas fontes, sua mãe teria sido uma rica herdeira a quem seus textos conservados nunca se referiram. De toda forma, Cícero não destaca sua história familiar ao lançar sua candidatura consular e ao conceber seu **ethos** oratório. Diversamente, o autor do *Brutus* afirma ser um **homo nouus**: sua fama foi conquistada por seu peculiar talento (**ingenium**) e suas virtudes próprias, não por meramente cantar os louros de sua linhagem.

⁷ Sobre o *Brutus* enquanto narrativa teleológica cf. Goldberg (1995, p.5-12), Hinds (1998, p. 63-74) e Dugan (2005, p.172-250).

⁸ Neste contexto, a noção de “discussão pública” naturalmente não deve ser confundida com sua versão moderna, como a voz do povo. Intentar uma causa em debate (no sentido deliberativo) é, em princípio, prerrogativa exclusiva dos sábios nobres. Cf. Brunt, 1982, p. 16.

⁹ Considerado o fundador da República Romana, teria sido o principal responsável pela queda do regime monárquico (cf. Dionísio de Halicarnasso, IV, 15.12-15).

¹⁰ Contudo, a obra começa narrando o nascimento da eloquência em Atenas no século IV a.C. com Pisístrato, Sólon e Clístenes (§27).

¹¹ *Ibidem*, p.403-404.

¹² Cf. Sumner, 1973.

¹³ Apoiado em Caleno, o autor de *De uiris illustribus*, LXXXIII, sugere que o pai de Cícero tenha também cultivado uvas e azeitonas. De qualquer maneira, só há referência a atividades modestas.

¹⁴ A *Geographia* de Estrabão especifica que os volscos instituíam um estado soberano próximo a Roma (cf. Livro V, III). Eusébio e Eustáquio também defendem a versão do ascendente real de Cícero.

Em seu pequeno tratado, **Commentariolum petitionis**, o irmão de Cícero, Quinto, o teria exortado a partir do conselho de superar a “novidade” em sua campanha eleitoral. Para este, o irmão deveria apoiar-se em sua fama de grande orador, uma vez que a eloquência sempre tivera enorme prestígio na sociedade romana. Quinto apresenta o conselho para Cícero não como uma desmistificação do seu segredo eleitoral em Roma, mas como um esboço de manifestação da realidade:

(...) Praticamente todos os dias, quando estiver indo para o fórum, você deve lembrar: “Sou um homem novo, quero o consulado, aqui é Roma”. A condição de “homem novo”, você compensará principalmente com seu prestígio como orador. A eloquência teve, sempre, enorme importância. Não é possível que alguém digno de atuar como advogado de cônsules seja considerado indigno do consulado. Portanto, já que você usou essa fama como trampolim e tudo o que você é deve a isso, trate de apresentar-se muito bem preparado para os discursos, como se em cada um dos processos estiver em julgamento toda sua capacidade.¹⁵

É célebre a configuração patriarcal da estrutura familiar da Roma antiga: o **pater familias** era sem dúvida uma figura investida de decisão e relevância, a quem cabia a liberdade sobre a vida e morte dos moradores de sua casa, tais como sua esposa, seus filhos e seus escravos (**patria potestas**). Nesse contexto, a ideia de um *homo nouus* naturalmente não deve ser pensada como a negação desse patriarcalismo, mas antes como o desvio da importância de seu pai: Cícero prefere não evocar sua família como componente relevante de seu caráter. Isso quer dizer que o conceito de patrício, cuja etimologia remete à paternidade e à pátria, é afastado em seu discurso para fazer emergir preferencialmente a ideia de nobreza, noção dotada de uma raiz latina bastante diferente, o arcaico **gnobilis**, de **noscere**, “conhecer”. Assim, o chamado príncipe da romana eloquência não seria um “fidalgo”: sua celebridade não está em seu berço, pois seria mais de natureza talentosa e virtuosa. É evidente, nesse contexto, que a homonímia não implica em parentesco. O próprio Cícero, no *Brutus*¹⁶, observa quão absurdo seria se ele reivindicasse a descendência dos M. Tullius.

Para modalizar as considerações apresentadas e lhes dar precisão, seria importante advertir que esse orador romano não se compõe como uma entidade **ex nihilo**. Com efeito, o homem novo pertence a uma linhagem num sentido eloquente, e não natural: Cícero descenderia de cada um dos grandes homens da arte retórica. Isso lhe permite, colateralmente, censurar os nobres – aos quais ele não reclama consanguinidade, diferentemente de muitos de seus opositores¹⁷.

¹⁵ (...) *Prope cotidie tibi hoc ad forum descendenti meditandum est: “Nouus sum, consulatum peto, Roma est.” Nominis nouitatem dicendi gloria maxime subleuabis. Semper ea res plurimum dignitatis habuit; non potest qui dignus habetur patronus consularium indignus consulatu putari. Quam ob rem quoniam ab hac laude proficisceris et quicquid es ex hoc es, ita paratus ad dicendum uenito quasi in singulis causis iudicium de omni ingenio futurum sit (Commentariolum petitionis, I, tradução Ricardo de Cunha Lima).*

¹⁶*Brutus*, 62.

¹⁷ Dugan, p. 11.

De fato, ao narrar sua trajetória enquanto orador no **Brutus**, o Arpinate confere o êxito de sua eloquência¹⁸ à insistência em adestrar-se produzindo diariamente declamações e à sua constância em estudar as mais diversas disciplinas, sem nunca desfazer-se de seus exercícios oratórios.

Do início ao término de seus serviços à República romana, a trajetória pública do Arpinate coincide com a definição de seu **ethos** enquanto orador, ou antes, aquele do orador excelente.

Apesar da explícita referência no **Brutus** à figura de Platão¹⁹, seu diálogo teria sido escrito mais **Aristotelico more**²⁰, seguindo a tendência de seus demais diálogos retóricos. Sendo assim, acreditamos ser importante traçar, neste momento, um breve panorama sobre a ideia de **ethos** na antiguidade, mais especificamente em Aristóteles, para posteriormente podermos confrontá-la com o que observamos em Cícero nos trechos finais do **Brutus**.

O **ethos** foi um elemento essencial e permanente na arte oratória, uma vez que todo empreendimento verbal que intenta produzir convicção evolui, de certa forma, a apresentação do caráter de orador. No caso específico da oratória, a *persona* do orador sempre exerce grande influência no auditório.

Apesar de os antigos gregos estabelecerem técnicas persuasivas que eram baseadas na apresentação do caráter de quem fala, Aristóteles parece ter sido o primeiro a fazer uma análise do **ethos** e de sua relevância na arte oratória²¹.

A inovação de Aristóteles em relação a seus predecessores foi que este elaborou um sistema de três **pisteis** (provas)²², isto é, fontes da demonstração e da persuasão retórica²³. Aristóteles chamou essas três fontes de **entechnoi** – artísticas ou entécnicas –, uma vez que é o próprio orador que as inventa e também porque podem ser ensinadas. Elas são derivadas de três componentes do discurso: o orador, a audiência e o próprio discurso em si. A primeira delas é o **ethos**, que diz respeito à representação do caráter moral do orador no discurso. A segunda é o **pathos**, que é produzido pelo orador no intuito de colocar seus ouvintes em certo estado de espírito, movendo-lhes os afetos. A última é o **logos**, que diz respeito ao discurso em si. Para o Estagirita, o **ethos** tinha um *status* equivalente ao **logos** e ao **pathos**²⁴.

¹⁸ **Brutus**, 310.

¹⁹ **Brutus**, 24.

²⁰ Em uma carta de 54 a.C. a Cornélio Léntulo Espínter, Cícero afirma ter escrito os três livros que compõem o *De oratore* em forma de discussão dialógica à maneira de Aristóteles (Cícero, **Ad fam.** I, 9, 23).

²¹ May, 1988, p.1.

²² Manuel Alexandre Júnior, em nota 15 para sua tradução da **Retórica** (2006, p.92) de Aristóteles, afirma “(...) *pisteis* tanto significa lealdade, fé, confiança, como significa evidência ou prova digna de fé, e as variantes específicas de natureza mais lógica ou psicológica que essas provas podem assumir”.

²³ Antes dele os elementos da persuasão eram suprimidos das partes particulares do discurso (May, p. 2).

²⁴ Aristóteles, 1356a.

Como observamos anteriormente, o próprio Cícero afirma escrever à maneira de Aristóteles. Em uma importante passagem do **De oratore**²⁵, Cícero, através de Antônio, esboça as principais tarefas do orador. A reformulação da fundação de *pisteis* a partir da terminologia latina é destacada por May:

Aqui encontramos, reformulada na terminologia latina, o fundamento triádico de *pisteis* sobre o qual Aristóteles baseou seu trabalho na oratória: *ethos* = “cativar os ouvintes”; *pathos* = “provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir”; e *logos* = “provar (...) o que defendemos”. As três tarefas necessárias ao orador, *probare/docere*, *conciliare/delectare* e *mouere*, são repetidamente mencionadas por Cícero (...) e elas quase podem ser consideradas como o princípio da informação do seu sistema retórico²⁶.

Na Roma republicana, o caráter de um cidadão tinha papel fundamental tanto na sua vida privada quando na sua vida pública, influenciando, assim, consideravelmente a oratória latina. Os romanos acreditavam não só que o caráter permanecia essencialmente constante em um homem, determinando suas ações, mas também que na maioria dos casos o caráter permanecia constante de geração pra geração da mesma família²⁷.

A formulação **talis hominibus fuit oratio qualis vita** de Sêneca²⁸ caberia aqui para ilustrar nossa convicção de que Cícero não vê tal descontinuidade entre sua vida e sua eloquência; assim, poderíamos traçar paralelos entre **nouitas** e **Latinitas**, o “bom falar” romano. O autor de **Brutus** estabelece uma relação de necessidade entre o refinamento linguístico do cidadão e a convivência originada nas relações sociais com as famílias prestigiadas. Ora, na condição de **homo nouus**, pode parecer que esse homem se sabotaria a maneira de um **novato**, já que não veio à luz nesses ambientes exuberantes: Cícero conquistou a honra de uma cidadania que ele não herdou por nascimento. No entanto, a ideia política que pode sustentar essa interpretação (obstada por Júlio César) é a própria subversão da ideia de nobreza por nascimento. Dito de outra forma, podemos dizer que Cícero afirma sua **nobilitas** através de sua latinidade; seu refinamento como romano seria correlato ao seu refinamento como autoridade da língua dos romanos.

²⁵ “Dessa forma, todo o método do discurso está ligado a três elementos para que atinja a persuasão: **provar** ser verdadeiro **o que defendemos**, **cativar os ouvintes**, **provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir**” (*Ita omnis ratio dicendi tribus ad persuadendum rebus est nixa: ut probemus uera esse, quae defendimus; ut conciliemus eos nobis, qui audiunt; ut animos eorum, ad quemcumque causa postulabit motum, uocemus.* (**De oratore** 2,115, tradução Ariano Scatolin, 2009, grifo nosso).

²⁶ “Here one finds, recast in Latin terminology, the triadic foundation of *pisteis* upon which Aristotle based his work on oratory: *ethos* = “the winning of our hearer’s favor”; *pathos* = “the rousing of their feelings”; and *logos* = “the proof of ours allegations”. The three tasks required of the orator, *probare/docere*, *conciliare/delectare*, and *mouere*, are mentioned repeatedly by Cicero (...) and might almost be regarded as the informing principle of his rhetorical system” (May, 1988, p.4).

²⁷ No entanto, para Catão, o Velho, as ações sábias e todas as más sortes são alheias **eane fieri bonis, bono genere gnatis, boni consultis** (May, p.6).

²⁸ Sêneca diz fazer menção a um provérbio grego, cf. *Ep.* CXIV, I.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já pudemos formular, Cícero promove, no **Brutus**, uma teleologia evolutiva: sua composição gravita em torno de si mesmo. Assim, uma história progressiva considera que cada novo grande orador seria maior que o anterior. No tempo de Cícero, essa valorização recai sobre si mesmo enquanto o retórico mais excelente de seu tempo. Defendemos que seria possível interpretar que é por isso que o diálogo deve ser visto também como um discurso sobre a então recente morte da retórica: uma vez morta a eloquência, estaria impossibilitada a existência de um novo grande latino que pudesse superar Cícero em sua oratória. Nesse sentido, o conceito da morte da eloquência é, por assim dizer, um remédio retórico para a prevenção da ascensão de oradores excelentes que lhe fizessem frente, o que garante, por fim, o lugar do autor do **Brutus** com **télos** da história da eloquência.

O Arpinate parece se valer da **persona** do **homo nouus** para se posicionar nesse contexto. A estratégia de sua **nouitas** é justamente explorar reivindicações contrárias às dos nobres, que baseavam sua nobreza em um nome conhecido. Um homem novo, por não poder se esconder sob uma reputação herdada, teria que manter sempre auto-controle e vigilância e seria forçado a sustentar uma imagem adequada tanto em sua vida pública quanto em sua vida privada.

Dessa forma, uma vez que carecia de modelos familiares da aristocracia, Cícero estabelece, através de sua narração das sucessivas eras da tradição oratória no **Brutus**, uma ancestralidade política, em certo sentido, para sua autoridade. A teoria evolutiva de Cícero engloba tanto o desenvolvimento da oratória como um todo, quanto do orador enquanto indivíduo, o que serve como uma explicação dos fatos que formam a individualidade específica de um orador em especial: o próprio Arpinate.

BIBLIOGRAFIA

FONTES ANTIGAS

- ARISTÓTELES. (2006). **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- DENYS D’HALICARNASSE. (1998). **Antiquités romaines**. Texte établi et traduit par Valérie Fromentin et Jacques-Hubert Sautel. Paris: Belles Lettres.
- CICERO. (1977). **Epistulae ad familiares**. Cambridge University Press London.
- _____.(1989). **The Verrine orations**. Cambridge, Mass.; London, Harvard University : W. Heinemann, vol. 9.
- _____.(2002). **Brutus**. Texte établi et traduit par Jules Martha. Paris: Belles Lettres,.
- CICERONE. (2006). **Bruto**. Introduzione, traduzione e note di Emanuele Narducci. Milano: Rizzoli,.
- PLATO. (1993). **Phaedo**. Edited by C. J. Rowe. New York, N.Y.: Cambridge Univ. Press.
- QUINTO CÍCERO. (2000). **Manual do candidato as eleições ; Carta do bom administrador público ; Pensamentos políticos selecionados**. Tradução, introdução e notas de Ricardo Cunha Lima. São Paulo : Editora Nova Alexandria.
- STRABO. (1924). *Geographia*. Chicago : Loeb Classical Library edition (public domain).

COMENTADORES

- BRUNT, P. A. (1982). "Nobilitas and Novitas". *The Journal of Roman Studies*, Vol. 72, pp. 1-17.
- DUGAN, J. (2005). *Making a new man: Ciceronian self-fashioning in the rhetorical words*. Oxford: Oxford University Press.
- FEDELI, P. (2006). Quinto Tullio Cicerone. Manualetto di campagna elettorale (commentariolum petitionis), presentazione di Giulio Andreotti. Roma: Salerno.
- GOLDBERG, S. (1995). *Epic in republican Rome*. Oxford: University Press.
- HINDS, S. (1998). *Allusion and intertext: dynamics of appropriation in Roman poetry*. Cambridge: University Press.
- KENNEDY, G. A. (1998). *Classical rhetoric and its christian and secular tradition. From ancient to modern times*. Chapel hill: The University of North Carolina Press.
- MAY, J. M. (1988). *Trials of character: the eloquence of ciceronian ethos*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press.
- NARDUCCI, E. (2002). Brutus: The History of Roman Eloquence in *Brill's companion to Cicero : oratory and rhetoric*. Editado por James M. May. Leiden ; Boston ; Köln : Brill.
- _____.(2009). *Introduzione a Cicerone*. Roma: Laterza.
- PROST, F. (2009). *Quintus Cicéron : le petit manuel de la campagne électoral (Commentariolum petitionis)*, Tulliana.
- ROBINSON, E. A. (1951). "The date of Cicero's Brutus". *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 60, pp. 137-146.
- SCATOLIN, A. (2009). *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). São Paulo: USP.
- SUMNER, G. V. (1973). *The orators in Cicero's Brutus: prosopography and chronology*. Toronto: University of Toronto Press.